

Educação e Arte no Contexto da Cultura de Massa – a vitória possível do humano

Education and Art in the Context of Mass Culture: The Possible Victory of the Human

Jailson Francelino de Lima¹

RESUMO

Este artigo tem como foco temático as relações entre educação e arte com o objetivo de explorar as possibilidades de superação das limitações que sobrevêm às próprias educação e arte num contexto de massificação da cultura. Para a consecução deste propósito, nossa metodologia privilegiou a pesquisa bibliográfica com vistas à consideração do fenômeno da massificação da cultura segundo demonstrado por Theodor Adorno e Max Horkheimer em sua conceituação de indústria cultural, em que pesem os mecanismos de massificação da cultura como meio de acomodação das consciências e dos comportamentos à manutenção das formas de relação típicas do capitalismo tardio. Complementarmente, passamos à nossa segunda consideração, a saber, a problematização das relações entre educação e arte, assumindo que ambas são expressões essenciais da humanização dos sujeitos e de suas realizações culturais. Como resultado destas considerações, verificamos que é possível e necessária uma abordagem humanizadora das relações entre educação e arte, justamente por enxergar nestas relações elementos constituintes de nossa própria humanização. Finalmente, concluímos que as contribuições de Adorno e Horkheimer para a compreensão do fenômeno da massificação da cultura podem ser enriquecidas se considerarmos também os processos de humanização dos sujeitos implicados nas relações entre educação e arte, passando a propor uma perspectiva voltada à superação da massificação da cultura com vistas à realização mais plena dessa expressão tão essencial de nossa humanidade.

Palavras-chave: Indústria Cultural; Cultura de Massa; Educação e Arte; Humanização; Cultura.

ABSTRACT

This article focuses on the relationship between education and art, aiming to explore the possibilities of overcoming the limitations imposed on both fields within a context of cultural massification. To achieve this purpose, our methodology prioritized a literature review to examine the phenomenon of cultural massification as demonstrated by Theodor Adorno and Max Horkheimer in their concept of the culture industry, taking into account the mechanisms of cultural massification as a means of adapting consciousness and behavior to maintain the relations typical of late capitalism. Complementarily, we move to our second consideration, namely, the problematization of the relationship between education and art, assuming that both are essential expressions of the humanization of subjects and their cultural achievements. As a result of these considerations, we find that a humanizing approach to the relationship between education and art is both possible and necessary, precisely because it perceives within these relations constituent elements of our own humanization. Finally, we conclude that Adorno and Horkheimer's contributions to understanding the phenomenon of cultural massification can be enriched if we

¹ Doutorando (2026) em Educação, Arte e História da Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Bacharel em Teologia pelo Seminário Presbiteriano do Sul (SPS). E-mail para contato: jailsonlima77@gmail.com; Link do Lattes CV: <http://lattes.cnpq.br/2665513668180908>.

also consider the processes of humanization of the subjects involved in the relationship between education and art, thereby proposing a perspective aimed at overcoming cultural massification with a view to a fuller realization of this expression so essential to our humanity.

Keywords: Culture Industry; Mass Culture; Education and Art; Humanization;

Introdução

Notadamente, o processo de massificação da cultura apresenta desafios às atividades humanas. No que toca à educação e à arte, nosso esforço analítico busca empreender um esboço de possíveis superações desses desafios pela via da articulação entre, justamente, as próprias educação e arte. Propomo-nos, portanto, uma consideração, que chamaremos aqui de humanizada, das relações entre educação e arte, como forma de superação da massificação da cultura.

Mas, por que educação e arte? A opção por estas atividades humanas decorre da percepção de que o processo de massificação cultural se vale basicamente destas mesmas duas áreas do agir humano, educação e arte, contraditoriamente, com vistas à uniformização e não-criticidade do pensamento. Esta percepção acerca da cultura de massa traz consigo, pelo menos, uma pressuposição: a massificação da cultura é um processo educativo, na medida em que se constitui num apanhado de ações humanas sobre o humano com vistas à sua formação, ou acomodação, adequada a uma pretendida realidade humana, um dado estado das coisas.

Já que estamos falando de pressupostos, é oportuno esclarecermos aqui alguns que assumimos. Como já se fez notar no parágrafo anterior, estamos assumindo que a educação pode ser definida como o conjunto de ações, de caráter moral, intelectual, estético, entre outras, com vistas à formação do indivíduo em face de determinada intenção sociocultural.

Neste sentido, a educação – assumida em sua expressão mais formal, a escolar, ou sob suas formas mais genéricas e diluídas nas expressões culturais diversas² – sempre ocorrerá sob circunstâncias e interesses socioculturais mais ou menos definidos, com maiores ou menores graus de clareza para os sujeitos envolvidos.

² Acerca das distinções entre Educação Formal, Educação Informal e Educação Não Formal, Luiz Antonio Groppo [et al.] nos oferece um rico e detalhado esclarecimento em sua obra *Sociologia da Educação Sociocomunitária: ensaio sobre o campo das práticas socioeducativas e a educação não formal*. Holambra, SP: Editora Setembro, 2013. 288p.

A nós, neste artigo, importa discutir como, no contexto da cultura de massa, a educação em sua manifestação menos formal, nas expressões culturais diversas, é potencialmente mantenedora e suplantadora das relações de dominação e alienação, especialmente considerando-se as relações entre arte e educação.

1. Massificação da cultura – uma educação?

A bibliografia abordando o uso da educação escolar como meio de reprodução das condições históricas para a manutenção das relações de exploração capitalistas é extensa. Por outro lado, em especial no último século, dedicou-se também atenção ao fenômeno da educação em suas expressões menos formais, não escolares, especialmente em suas interfaces com manifestações artísticas disseminadas na cultura, no que tange à conformação das massas às formas de relações capitalistas³. Nesta esteira, destacamos aqui a contribuição de Theodor Adorno e Max Horkheimer a partir de seu conceito de Indústria Cultural⁴.

Embora os autores não tenham se referido categoricamente à indústria cultural como uma forma de educação, claramente se reconhece que há na estratégia e intenção mesmas da indústria cultural um agir educativo, ao menos em seu aspecto informal. Isto porque, da forma como Adorno descreve o fenômeno, trata-se de uma subversão da cultura por meio da conversão da arte em entretenimento massificado como estratégia de acomodação das mentes à

³ DUSSEL, Enrique. **Filosofia da Libertação**. Edições Loyola, 1977. GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e A Organização da Cultura**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. 1982. FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. LUKÁCS, György, **Por Uma Ontologia do Ser Social I**; tradução: Carlos Nelson Coutinho, Mario Duayer e Nélcio Schneider. Boitempo Editorial. RANCIÈRE, J. **O Mestre Ignorante - cinco lições sobre a emancipação intelectual**; tradução de Lilian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. SOUZA NETO, João Clemente. **Pedagogia Social: A formação do educador social e seu campo de atuação**; In: **Cadernos de Pesquisa em Educação PPGE-UFES**. Vitória. Vol. 16; Nº 32; p. 29-64; Jul/Dez 2010.

⁴ ADORNO, Theodor, W. e HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. 1ª. Ed. – São Paulo: Editora Zahar, 1985.

alienação capitalista, uma espécie mesmo de educação informal com fins claros e meios diversos. Neste processo, as massas são educadas de modo que:

A indústria cultural permanece a indústria do divertimento. O seu poder sobre os consumidores é mediado pela diversão que, afinal, é eliminada não por um mero *diktat*, mas sim pela hostilidade, inerente ao próprio princípio do divertimento, diante de tudo que poderia ser mais do que divertimento [...] A diversão é o prolongamento do trabalho sob o capitalismo tardio. Ela é procurada pelos que querem se subtrair aos processos de trabalho mecanizado, para que estejam de novo em condições de enfrentá-lo [...] do processo de trabalho na fábrica e no escritório só se pode fugir adequando-se a ele mesmo no ócio. Disso sofre incuravelmente toda diversão⁵

Esta percepção introduz uma variável importante no esquema interpretativo marxista das relações entre condições econômicas e produção cultural. Ainda que não tenham necessariamente subvertido a lógica marxista clássica de relação entre infraestrutura (esfera das relações econômicas) e superestrutura (esfera da cultura), os pensadores da Escola de Frankfurt, que tinham em Adorno e Horkheimer dois de seu mais destacados nomes, dedicaram especial atenção à forma como, especialmente no contexto industrial do século XX, o fenômeno por eles denominado de indústria cultural se encarrega de fazer com que os valores e ideários necessários à manutenção do estado de coisas daquilo que Karl Marx chamou infraestrutura sejam difundidos e reproduzidos de forma massificada na esfera da superestrutura.

Na visão marxista clássica,

A totalidade destas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se ergue uma superestrutura jurídica e política, e à qual correspondem determinadas formas da consciência social. O modo de produção da vida material é que condiciona o processo da vida social, política e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, inversamente, o seu ser social que determina a sua consciência.⁶

Se não chegam a inverter a ordem de determinação da infraestrutura sobre a superestrutura, Adorno e Horkheimer atentam para o fato de que a infraestrutura promove e se retroalimenta das condições espirituais decorrentes da superestrutura. Ou seja, se a superestrutura não é assumida como determinante

⁵ Adorno, T.W. e Horkheimer, M. A Indústria Cultural – o Iluminismo como mistificação das massas. In: Indústria Cultural e Sociedade. 18. Ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024. pág. 27-28

⁶ MARX, Karl. Contribuição à crítica da economia política. São Paulo: Martins Fontes, 1977, p. 49-50.

da infraestrutura, pelo menos, é reconhecido que, no contexto industrial do século XX, as condições morais, espirituais e intelectuais para a manutenção das relações produtivas da infraestrutura são produzidas e massificadas na esfera da superestrutura. Dito de outra forma, é na cultura, mais precisamente na cultura de massa, que as condições de perpetuação das relações econômicas são geradas. Nisto, essencialmente, consiste o fenômeno da indústria cultural, em subverter a cultura, pela redução da arte a produto e entretenimento e por sua massificação, em instrumento de padronização e conformidade das mentalidades e comportamentos de modo a perpetuar as relações capitalistas.

Adorno chega mesmo a descrever a indústria cultural como um processo de educação para a passividade e uniformidade, pela via do consumo massificado de uma arte reduzida a entretenimento, de uma cultura de celebração da repetição e do descarte. O homem, subproduto desta cultura é reduzido a um exemplar entre tantos outros no processo de padronização das mentes e comportamentos, assim como os produtos culturais que consome.

Uma vez que os processos de manifestações culturais são uma expressão informal do fenômeno educativo, a massificação da cultura operada pela indústria cultural é uma ação, neste sentido, educadora – uma educação para a conformidade e manutenção das relações de exploração.

É possível, inclusive, delinear um processo ordenado da ação da indústria cultural, a partir da análise adorniana. Algo que podemos descrever a partir dos seguintes três passos:

- As relações moldadoras
- O manejo do conteúdo
- As relações moldadas

1.1 – As relações moldadoras

Por “relações moldadoras” referimo-nos às relações estabelecidas na esfera da infraestrutura econômica que determinam e demandam as ações da indústria cultural no processo de massificação da cultura.

Adorno resume essa dinâmica na seguinte assertiva: “A dependência da mais poderosa sociedade radiofônica em relação à indústria elétrica, ou a do cinema aos bancos, define a esfera toda”. Ou seja, para o pensador frankfurtiano o rastreio das forças de determinação é o rastreio das forças econômicas em jogo. Assim são moldadas as relações entre indústria e cultura na indústria cultural; esse é o contexto econômico determinante da massificação da cultura.

1.2 – O manejo do conteúdo

Embora a determinação econômica nos esclareça o contexto da massificação da cultura, todavia não explica como se dá esta massificação. O “como” do processo se verifica no manejo do conteúdo cultural mesmo. Assim, Adorno descreve este manejo:

Desde a era industrial entrou em voga uma arte edificante que pactua com a reificação na medida em que, por meio de uma poesia nutrida pelo *éthos* do trabalho, assume como seus, justamente, o desencantamento do mundo, o domínio do prosaico e até mesmo o do banal.⁷

É neste sentido que o autor acrescenta:

Talvez o fantástico Robinson Crusoé nunca tenha sido algo mais que um modelo de *homo economicus*, apartado do sistema social burguês em virtude de um feliz naufrágio somente para reproduzi-lo por suas próprias forças, como se diz nas adaptações juvenis do famoso romance.⁸

Assim se dá a massificação da cultura, pelo manejo do conteúdo cultural, pela acomodação do espírito humano, emanado da produção humana artística, todavia manejada esta produção massificada de tal forma que termina por empreender um processo de educação do espírito com vistas a sua acomodação

⁷ O Esquema da Cultura de Massas – anexo à Dialética do Esclarecimento, In: Adorno, Theodor W. Indústria cultural. Traduzido por Vinícius Marques Pastorelli. São Paulo: Editora Unespe, 2020. pág. 155.

⁸ Ibid, pág. 157

às formas de relação pretendidas desde seu início, nas relações que chamamos aqui de “moldadoras” do modo de produção cultural. Com efeito, é um fenômeno de retroalimentação. É assim que a cultura de massa age educando as massas.

1.3 - As relações moldadas:

Sob este aspecto, podemos dizer que *o ciclo se completa, o sistema se retroalimenta*. As relações econômicas se estabelecem pela via de sua afirmação dada pela massificação da cultura. Assim, “o patrão não diz mais: ou pensas como eu ou morres. Mas diz: és livre para não pensares como eu, a tua vida, os teus bens, tudo te será deixado, mas, a partir deste instante, és um intruso entre nós”⁹. Aí se dá o massacre cultural e o consequente exílio espiritual de quem não se adapta.

Do ponto de vista do processo de acomodação das consciências ao modo de relações capitalistas pretendido pela indústria cultural, estes três movimentos configuram-se num resumo esquemático que, como vimos, funciona como uma espécie de ciclo contínuo.

1.4 – Sim, a massificação da cultura – uma educação

Para além do exposto, cabe acrescentar que o processo da massificação da cultura conta ainda com um fetiche especial, decorrente de seu apelo a expressões artísticas supostamente mais elaboradas, dando a impressão de que a indústria cultural popularizou, tornou acessível, a alta cultura, quando, ao contrário, a massificou com vistas a seus próprios fins. Para Adorno, na verdade, quando, por exemplo, George Gershwin faz dialogarem o jazz e a música erudita ou quando o cinema traz referências a Shakespeare ou Tolstói, o resultado é o esvaziamento espiritual da cultura ou, pior, a espiritualização forçada do entretenimento. Ele chega mesmo a declarar que

⁹ A Indústria Cultural – o Iluminismo como mistificação das massas. In: Adorno, Theodor W. Indústria cultural e sociedade / Theodor W. Adorno: seleção de textos Jorge M. B. de Almeida. 18 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024, pág. 23

A indústria cultural pode se vangloriar de haver atuado com energia e de ter erigido em princípio a transposição – tantas vezes grosseira – da arte para a esfera do consumo, de haver liberado a diversão da sua ingenuidade mais desagradável e de haver melhorado a confecção das mercadorias [...] eis sua glória: haver terminado por sintetizar Beethoven com o Cassino de Paris.¹⁰

Assim é que, por fim, a massificação da cultura cumpre o papel educacional de acomodação das massas, no contexto do capitalismo tardio, à ordem própria das relações capitalistas, em que a vida e suas expressões artísticas parecem reduzir-se a um tipo folclórico de prolongamento do próprio trabalho alienado.

Nossa percepção é, portanto, de que a conversão da cultura em cultura de massa pela indústria cultural é um mecanismo educacional, uma estratégia educativa, valendo-se da educação em suas manifestações informais pela via da massificação dos ideários e comportamentos afeitos à manutenção das relações de exploração capitalistas.

2. Da relação entre educação e arte – a afirmação do humano

Como dissemos anteriormente, a educação é um fenômeno humano que não se dá num vazio histórico e sociocultural. Pelo contrário, qualquer proposta educacional, seja ela transformadora ou mantenedora das condições e relações humanas, é guiada desde o início por pressupostos e concepções específicas sobre o ser humano e sobre a natureza do conhecimento. Isso ocorre porque a educação, enquanto processo humano de construção e disseminação de uma visão de mundo, tem como objetivo possibilitar a compreensão da realidade e as possibilidades interação com ela. Tal processo depende das constantes dinâmicas de influência e interação entre o indivíduo e o meio em que está inserido, meio este que impõe condições que são, por sua vez, interpretadas, analisadas e modificadas ou mantidas através da ação intelectual dos sujeitos. Dessa maneira, a educação é sempre uma prática que se origina na história presente e avança rumo à história futura possível. Isto vale para a educação

¹⁰ A Indústria Cultural – o Iluminismo como mistificação das massas, pág. 25

formal, escolar, assim como para as manifestações culturais variadas que constituem o fenômeno educacional em sua expressão menos formal.

Devemos ter em mente também que é muito frequente que se considerem as relações entre educação e arte no contexto escolar, onde temos a manifestação mais formal da educação. Neste contexto, também é muito comum que se considerem as relações entre educação e arte numa perspectiva um tanto instrumental: ou a educação é vista como um meio de assimilação e difusão da arte, ou a arte é vista como uma espécie de estratégia didático-metodológica. Ainda que reconheçamos que haja eventuais benefícios nesta forma de consideração das relações entre arte e educação, nossa intenção é explorar estas mesmas relações para além do contexto escolar, ou seja, no contexto da educação informal, em sua manifestação nas expressões culturais variadas. Além disso, neste ambiente estendido, pretendemos considerar as relações entre educação e arte numa perspectiva que vá além do viés instrumental, por assumirmos que há outras e mais profundas relações entre estas duas expressões humanas.

Apelamos, portanto, para uma compreensão da relação entre arte e educação em que pesem suas imbricadas raízes que nos remetem à própria experiência humana mais distintiva. Esta compreensão assume arte e educação como expressões de humanização que são relativamente indistinguíveis sob alguns aspectos essenciais. Chamemos esta compreensão, portanto, de *uma visão humanizada das relações entre educação e arte*, justamente por reconhecer que nestas mesmas relações se dão elementos essenciais à humanização dos sujeitos.

Este aspecto humanizador das imbricadas relações entre educação e arte se faz notar inclusive desde as mais remotas ações civilizatórias, como destaca Giovanni Reale, em sua História da Filosofia:

Antes do nascimento da filosofia, os poetas tinham importância extraordinária na educação e na formação espiritual do homem grego, muito mais do que tiveram entre outros povos. O helenismo inicial buscou alimento espiritual de modo predominante nos poemas homéricos, ou seja, na *Iliada* e na *Odisseia*. [...] a mitologia procura de diversos modos apresentar a realidade em sua inteireza, ainda que de

forma mítica (deuses e homens, céu e terra, guerra e paz, bem e mal, alegria e dor, totalidade dos valores que regem a vida do homem)¹¹

Num sentido muito preciso e apropriado, os mitos, ou as histórias contadas em volta da fogueira, foram as primeiras manifestações educativas, sendo elas próprias manifestações artísticas, e os poetas que contavam aquelas histórias, artistas que eram, foram nossos primeiros professores. Poderíamos até dizer, com um pouco de humor e com muita propriedade, que nos tornamos humanos não quando saímos das cavernas ou quando descemos das árvores, mas quando nos sentamos em volta da fogueira. Ali, naquela ação humana que mesclava experiência estética e formação do ser, arte e educação se manifestavam indistintas como expressões humanas primordiais.

Para além do reconhecimento de arte e educação como imbrincadas manifestações primordiais do espírito humano, importa assumir que as experiências artísticas são educativas ao passo que o fenômeno educativo é essencialmente estético, pois como afirmou John Dewey, referindo-se ao que chamou de experiências significativas:

Em muito de nossa experiência, não nos interessamos pela ligação de um incidente com o que veio antes e o que vem depois. Não há um interesse que controle a rejeição ou a seleção atenta do que será organizado na experiência em evolução. As coisas acontecem, mas não são definitivamente incluídas nem decisivamente excluídas; vagamos com a correnteza. Cedemos de acordo com a pressão externa ou fugimos e contemporizamos. Há começos e cessações, mas não inícios e conclusões autênticos. Uma coisa substitui outra, mas não a absorve nem a leva adiante. Há experiência, porém ela é tão frouxa e discursiva que não é uma experiência singular. É desnecessário dizer que tais experiências são inestéticas". [...] "Os inimigos do estético não são o prático nem o intelectual. São a monotonia, a desatenção para com as pendências, a submissão às convenções na prática e no procedimento intelectual¹²

Assumimos, portanto, que educação e arte também são essencialmente atos do contato mais significativo entre espíritos humanos, dado que a experiência estético-pedagógica sempre implicará na significativa troca entre os sujeitos – uma troca essencialmente humanizadora. É na inevitável experiência educadora intrínseca ao fazer artístico e na necessária experiência estética das ações

¹¹ REALE, Giovanni. *História da filosofia antiga*. São Paulo: Loyola, 1993, pág. 6-7.

¹² Dewey, John, 1859-1952. *Arte como experiência*. Tradução: Vera Ribeiro - São Paulo: Martins Fontes, 2010. Pág. 116-117

educativas mais efetivas que a humanização pela educação-arte se impõe como fenômeno humano essencial.

No processo mesmo de recepção e ressignificação das experiências estéticas os espíritos humanos se conectam. Neste processo, o que se aprende, se ressignifica; o que se ressignifica é apropriado e a apropriação ressignificada humaniza: conteúdo não mais apenas conteúdo, obra não mais apenas obra; ambos são humanização. Noutras palavras, conteúdo (que há em toda experiência estético-educativa) é conhecido; há conhecimento porque há experiência estética e mediação. É a isto mesmo que estamos chamando de *compreensão humanizada da relação entre arte e educação*.

Segue-se que a experiência estética é, portanto, singularmente pedagógica; a experiência pedagógica real é, necessariamente, estética. Não que não possamos compreender conteúdos variados sem uma profunda experiência estética, mas os aspectos de humanização serão menos efetivos, porque menos de nós terá sido tocado e provocado para a vida na medida em que menos de nós experimente esteticamente a vivência pedagógica. Ademais, ainda que reconheçamos que o valor estético de uma experiência educativa não pode ser medido, quantificado, não podemos ignorar que há experiências que são esteticamente mais marcantes que outras e que, por isso mesmo, mais significativas e mais efetivas para nossa formação e humanização. Em casos assim, para nos valermos do linguajar do próprio Dewey, mais de nós “absorveu e levou adiante”.

Finalmente, uma visão humanizada da relação entre arte e educação nos remete à consideração do próprio fundamento que une educação e arte como atividades humanas primordiais, primitivas e primárias: somos humanos porque nossas inteligências, mentes, espíritos, se conectam em experiências pedagógico-estéticas singulares que ocorrem quando fazemos cultura. Educamo-nos reciprocamente e o fazemos mais apropriadamente quando o processo consiste neste encontro estético das consciências e, desde que o fazemos, somos humanos.

Considerar as relações entre educação e arte nestes termos, pode oferecer fundamentos para o enriquecimento de nossa compreensão do fenômeno de massificação da cultura e de sua superação possível.

3. Considerações Finais: Educação e Arte como fenômenos humanizadores no contexto da cultura de massa – por uma cultura das massas

Com base no que discutimos até aqui acerca das imbricadas relações entre educação e arte, especialmente no tocante às formas menos formais de educação por meio das expressões culturais, abre-se, entendemos, espaço para

considerarmos o fenômeno da massificação da cultura em que pesem elementos humanos para além dos determinantes econômicos.

Em nossa percepção, a leitura frankfurtiana do processo de massificação da cultura, por sua ênfase demasiado focada na variável econômica, deixa de considerar outros elementos que compõem o quadro mais geral da experiência artístico-educativa implicado no fazer cultura, na cultura feita pelos sujeitos em suas experiências mais diversas, na *cultura das massas*, que nunca será apenas uma *cultura de massa*¹³.

Neste sentido, as experiências essencialmente educativas que se dão na relação dos sujeitos, dos fazedores da cultura, compõem o espaço potencial do sujeito social, do homem e da mulher que atuando, sobretudo atuando na cultura, alteram a realidade de suas circunstâncias. Este, parece-nos, é o fundamento ontológico de uma cultura das massas: o sujeito reconhecido em imbricadas relações com outros sujeitos, grupos sociais, instituições, movimentos sociais, corporações etc. Este sujeito que educa e é educado enquanto agente cultural.

Embora assumamos acertada e necessária a crítica apresentada por Adorno e Horkheimer no que tange a descrever a manipulação da cultura operada pela indústria cultural, entendemos que as relações entre educação e arte e suas expressões na cultura são mais ricas e complexas. Sobretudo, assumimos que as relações humanas, embora não escapem das motivações econômicas, não se podem reduzir a estas, nem mesmo ser satisfatoriamente entendidas e explicadas sob o viés das relações econômicas – este é um pressuposto que guardamos para o final de nossas considerações, pois impacta direta e radicalmente nossa percepção das relações entre educação e arte e seus desdobramentos socioculturais.

Nosso argumento é simples, todavia, goza da vantagem da verificação a partir da própria realidade. Notemos: a indústria cultural se vale da massificação da cultura justamente por reconhecer que na esfera cultural se nutrem os valores morais, intelectuais e espirituais que pautam as relações humanas. Ora, o que é esta verificação se não a assunção franca do poder irrefutável da cultura e da cultura possível de ser afetada pela intencionalidade educacional dos sujeitos – potenciais agentes da manutenção, potenciais agentes da superação das relações vigentes?

Propomos, portanto, que, a partir da devida consideração da arte e da educação como manifestações humanas essenciais e das imbricadas relações entre estas duas expressões humanas, nos voltemos ao potencial transformador da cultura das massas em face da cultura de massa.

¹³ Aqui nos permitimos o quase inevitável trocadilho entre os termos cultura de massa e cultura das massas. Este último, referindo-se à cultura como resultado das interações estético-educativas próprias das relações humanas consideradas em sua riqueza intrínseca; já aquele, referindo-se ao processo mesmo de massificação da cultura por meio do fenômeno da indústria cultural.

A despeito do eventual trocadilho que essa confrontação de termos possa sugerir, insistimos que, no contexto das relações humanas tomadas em sua diversidade – que, para além do componente econômico, comporta tantos outros, como o moral, o espiritual, o artístico, o religioso etc. Neste contexto de relações mais amplas, insistimos no potencial de realização do humano que a interseção inevitável entre educação e arte promove.

Não estamos propondo uma abordagem que assume as relações entre educação e arte como instrumentos de transformação das relações econômicas pura e simplesmente. Na verdade, nem é essa nossa principal preocupação. Nosso interesse decorre de uma pergunta que, pensamos, deveria soar óbvia: de onde vem essa potência mantenedora e/ou transformadora que os processos culturais decorrentes da inevitável conjugação entre educação e arte têm? Nossa pergunta, nosso interesse primordial é este. Que poder é este? De quê ele decorre? Depois, em outro momento, podemos nos ocupar de responder o *quê* fazer com ele, ou *para quê* usá-lo. Para este momento, basta-nos o reconhecimento dele mesmo, sua valorização e, em reconhecendo-o, reconhecer também que o espírito humano não está domado, nunca esteve, isso não é possível.

Não estamos negando que historicamente a cultura venha sendo instrumento de manutenção das relações econômicas. Todavia, afirmamos que, paralelamente, ela nunca foi apenas isso. A cultura não tem sido, nem poderá nunca ser, apenas instrumento de manutenção/transformação das condições e relações econômicas. A cultura é fruto da correlação inevitável entre educação e arte no processo de humanização dos sujeitos, que perpassa sua formação intelectual, moral e espiritual, pela manifestação de suas aspirações, paixões, ambições, contradições, esperanças, medos, virtudes e vícios.

Em todas estas manifestações, em que pese a variável econômica, o espírito humano prevalece mais rico e diverso que qualquer um desses componentes do agir humano – mais rico e diverso até mesmo que a conjugação de todos eles.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural**. Tradução: Vinícius Marques Pastorelli. São Paulo: Editora Unesp, 2020.

ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade** / Theodor W. Adorno: seleção de textos: Jorge M. B. de Almeida. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024.

ADORNO, Theodor, W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. 1. Ed. São Paulo: Editora Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor, W.; HORKHEIMER, Max. **A Indústria Cultural – o Iluminismo como mistificação das massas**. In: Indústria Cultural e Sociedade. 18. Ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. Tradução: Vera Ribeiro - São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DUSSEL, Enrique. **Filosofia da Libertação**. São Paulo: Edições Loyola, 1977.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e A Organização da Cultura**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. 1982.

GROPPO, Luiz Antonio *et al.* **Sociologia da educação sociocomunitária: ensaio sobre o campo das práticas socioeducativas e a educação não formal**. Holambra, SP: Editora Setembro, 2013. 288 p.

LUKÁCS, György, **Por Uma Ontologia do Ser Social I**; tradução: Carlos Nelson Coutinho, Mario Duayer e Nélío Schneider. São Paulo: Boitempo, 2012. Editorial.

MARX, Karl. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

RANCIÈRE, J. **O Mestre Ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**; tradução de Lilian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

REALE, Giovanni. **História da filosofia antiga**. São Paulo: Loyola, 1993.

SOUZA NETO, João Clemente. Pedagogia Social: A formação do educador social e seu campo de atuação. **Cadernos de Pesquisa em Educação PPGE-UFES**. Vitória. Vol. 16; Nº 32; p. 29-64; Jul/Dez 2010.